

ANC  
**Coluna do Castelo**

1. SET 1988

**Reexame político  
 no Rio e São Paulo**

JORNAL DO BRASIL

**C**om irrecusável repercussão na eleição presidencial de 1989, a eleição municipal de novembro próximo no Rio e em São Paulo deverá ter reexaminados os dados em que foi posta na previsão de um pleito de dois turnos. O PDT do Sr Leonel Brizola emergiu do episódio da votação de anteontem na Constituinte como força imbatível, a menos que se recomponham os demais partidos numa formação de guerra imposta pelas circunstâncias. O mesmo ocorre em São Paulo onde o PDS do sr. Paulo Maluf afirma-se como o favorito, sobretudo diante da recusa do senador Mário Covas de disputar a Prefeitura.



Pouco importa para o PMDB discutir se a decisão da Constituinte foi casuística, ou não. Todos têm a sensação de que o senador José Richa acertou em cheio quando disse que as disposições transitórias tinham se transformado no "latão de lixo" dos interesses de grupos ou pessoas. A eleição em dois turnos, que prevalecerá para as demais eleições que se disputarem no país, a partir do próximo ano, encerra um debate histórico que consagra, no fundo, o princípio da maioria absoluta defendido em 1950 e em 1955 por uma UDN desiludida do processo eleitoral e já inclinada pelas soluções golpistas. Os dois turnos são uma versão moderna e objetiva da maioria absoluta, que se adota sem excluir da disputa prévia em primeiro turno todos os partidos que aspirem a governar uma grande prefeitura, um estado ou a União.

A votação na Constituinte não obedeceu a opções partidárias. Em cada estado as bancadas votaram, tendo em vista questões das suas capitais e os empenhos dos governadores. O Sr Orestes Quércia queria os dois turnos para continuar a crer na investidura do Sr João Osvaldo Leiva. E o Sr Newton Cardoso preferia o turno único para evitar o confronto das esquerdas unidas num segundo turno no qual se elegeria seguramente o Sr Pimenta da Veiga. Não parece provável que o governador mineiro com seu candidato ultrapasse o candidato do PSDB, que poderá ser favorecido por uma tendência da esquerda a concentrar-se num dos dois candidatos que se propõem a receber seu voto.

CK  
 No balanço das tendências, o PMDB parece ter sido o partido mais sacrificado, pois perde perspectivas de vitória não só em São Paulo, Rio e Belo Horizonte, como no Recife, onde até aqui se destaca o candidato do PFL. Em Campo Grande, Florianópolis e João Pessoa, cidades que deverão votar de preferência em candidatos da aliança PDS-PFL, também o partido majoritário perderá pontos. Na Bahia, com um candidato sem a cor do partido, o PMDB entra num perde-e-ganha (ou num ganha-e-perde). Do ponto de vista federal, reforçam-se bases para a candidatura do Sr Paulo Maluf ou outro que o PDS apoiar, e limpa-se no PMDB a área para a consolidação da candidatura do Sr Ulysses Guimarães, com melhores chances agora do que as do Sr Quércia ou do Sr Cardoso. Os *tucanos* continuam fora do páreo sem construir bases em São Paulo e no Rio para sustentar as inspirações da fundação do PSDB, que emergiu como uma proposta de conquista do poder central.

Para enfrentar o Sr Brizola no Rio de Janeiro, os partidos em condições de chegar à reta final, o PL e o PSDB, deverão rever posições e definir uma linha de interesse comum. A disputa não é censitária mas de decisão política de âmbito extramunicipal. O PMDB por enquanto parece fora do páreo, assim como o PSB, cujos candidatos deveriam, em função de estratégias de luta, ser sacrificados, a não ser que prefiram expressamente a vitória brizolista, o que se desconfia ser o caso dos pemedebistas estaduais. É claro que parece difícil compor os Srs Artur da Távola e Álvaro Valle, um mais à esquerda e o outro mais à direita, ambos porém disputando a preferência da classe média eventualmente antibrizolista. Para permanecer candidatos, eles deveriam ter de fixar preliminarmente objetivos estratégicos.

Em São Paulo, com o PSDB marchando conscientemente para a derrota, o Sr Paulo Maluf não teria dificuldades de enfrentar com êxito os demais candidatos, salvo se o Sr Jânio Quadros vier a apoiar o Sr Leiva, o que a esta altura deixa de ser previsível. E eis aí como casuísmos de campanário transformam a qualidade e os rumos de uma campanha presidencial, com o PMDB perdendo estacas em que se assenta seu sonho de poder.